
RELIGIÃO E GÊNERO: AUTOPERCEPÇÃO

DA MULHER NA ROMARIA DE BOM

JESUS DA LAPA*

Sandra Célia Coelho Gomes da Silva S. de Oliveira**, Carolina Teles Lemos***

Resumo: apresenta-se uma análise da auto percepção da mulher na Romaria do Bom Jesus da Lapa, que se realiza há 323 anos, enfatizando a perspectiva de gênero. Os sujeitos da pesquisa são mulheres romeiras que se enquadram na faixa etária entre 50 e 70 anos de idade e participam, há mais de cinco anos consecutivos da Romaria, pertencentes a cinco Estados brasileiros (Bahia, Minas Gerais, São Paulo, Espírito Santo e Goiás) que registram um maior índice de participação nesse evento religioso. Utilizamos como metodologia a observação participante e a entrevista semiestruturada. Entende-se que a Romaria se apresenta como um espaço de alternância entre a permanência e a transformação da identidade de gênero oriunda do patriarcalismo.

Palavras-chave: *Romaria. Gênero. Patriarcado.*

Estudar as romarias possibilita uma análise que incorpora, além do religioso, o aspecto cultural, marcado por tensões e contradições vivenciadas pelos agentes envolvidos, neste caso, os romeiros. Apresenta-se como uma rica possibilidade de investigação. Temos por pressuposto que a romaria não deve ser considerada uma “sobrevivência” do catolicismo popular e sim como uma das múltiplas faces do catolicismo oficial.

Esse evento religioso tem sido visto como um espaço onde competem discursos seculares a partir da heterogeneidade essencial de que se revestem em contextos cul-

* Recebido em: 15.08.2016. Aprovado em: 20.08.2016.

** Doutora em Ciências da Religião pela PUC Goiás; Professora titular na UNEB. Endereço eletrônico: sandraccgs@hotmail.com

*** Doutora em Ciências da Religião pela UMESP; Professora titular no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da PUC Goiás. Endereço eletrônico: cetelemos@uol.com.br

turais específicos. No Brasil, essas manifestações religiosas, tipo “romarias” se fazem muito presentes na atualidade, acontecendo em Santuários e centros de devoção, tais como: Aparecida do Norte (SP), Trindade (GO), *Pe Cícero (CE)*, *Círio de Nazaré (PA)*, *Bom Jesus da Lapa (BA)* e tantos outros.

A cidade de Bom Jesus da Lapa está localizada no Centro-Oeste do Estado da Bahia, dentro do polígono da seca, a 796 km da capital, Salvador, e a 625 km de Brasília. A população local tem em torno de 63.480 habitantes, muitos dos quais vivem ao pé do morro. A cidade surgiu e cresceu a partir do fluxo de romeiros que visitam periodicamente a gruta do Bom Jesus, os quais contribuíram, com suas práticas devocionais, para a consolidação de um fenômeno religioso expressivo, no alto sertão baiano. Fatores como: o turismo, o comércio religioso, a romaria e sua localização geográfica são elementos responsáveis por transformar aquela cidade em um importante centro regional de devotos, a partir do fluxo de romeiros.

Pode-se identificar três grandes romarias em Bom Jesus da Lapa: a da Terra e das Águas; a do Bom Jesus da Lapa e a da Soledade, que acontecem anualmente no período compreendido de julho a setembro. Cada uma dessas romarias tem características próprias e fiéis específicos. As novenas começam no dia 28 de julho e têm seu ápice no dia 6 de agosto, consagrado ao padroeiro (Bom Jesus da Lapa). Neste ano, a festa completa 325 anos de realização, sendo reafirmada e ressignificada cada vez mais pela fé do povo. Enfim, a Lapa é considerada a ‘capital baiana da fé’.

As festas do Bom Jesus da Lapa, como uma manifestação da tradição cultural, mantêm-se praticamente inalteradas na sua forma ritual. As visitas que ali acontecem todos os anos não apresentam riscos às suas características originais. Contudo, existem transformações bastante visíveis, como é o caso do papel desempenhado pela mulher nesse contexto. Isso aguçou nosso interesse em pesquisar como se dá a participação das mulheres na Romaria do Bom Jesus da Lapa, uma das grandes manifestações religiosas de nosso País.

Considerando as constantes transformações na sociedade contemporânea que têm afetado o comportamento do homem e da mulher, envolvendo questões de ordem sociocultural nas relações de gênero, principalmente no que se refere ao lugar que a mulher ocupa na família e na sociedade, definimos o seguinte objeto de estudo, para esta reflexão: O lugar da mulher na romaria do Bom Jesus da Lapa, a partir da perspectiva das relações de gênero, aqui entendido como um constructo sociocultural que se ressignifica ao longo do tempo.

A relação que os homens e as mulheres tecem com a religião torna-se um desafio ao pesquisador da fenomenologia religiosa, pois há um enfrentamento das relações de poder, visto que as concepções de gênero são ainda muito latentes e desiguais na sociedade brasileira, fundada sobre o sistema patriarcal, uma

marca da nossa cultura ocidental. Com base nos dados de nossa pesquisa empírica, subsidiados por aportes teóricos e registros documentais, foi-nos possível perceber que as mulheres participam mais das atividades religiosas do que os homens no espaço da Romaria do Bom Jesus da Lapa. Isto é circunstancial para que façamos um recorte para discutirmos a questão de gênero ali presente, no que se refere à manutenção e/ou rupturas com o sistema patriarcal, no sentido ou de uma emancipação ou da permanência do estado de submissão da mulher ao homem.

Utilizamos como metodologia a pesquisa bibliográfica, qualitativa, de campo e documental. Os Estados da Bahia (BA), Minas Gerais (MG,) Espírito Santo (ES), São Paulo (SP) e Goiás (GO) são os que mais fornecem participantes à romaria. Identificadas durante a romaria do Bom Jesus da Lapa, escolhemos duas mulheres de cada um desses Estados, num total de 10 entrevistadas, que vêm participando daquela romaria há pelo menos cinco anos ininterruptos, além de se situarem na faixa etária entre 50 e 70 anos. Tendo como aporte teórico os estudiosos da ciência da religião, da sociologia, da antropologia, da história, da geografia, dentre outras disciplinas afins, focando o lugar que a mulher ocupa na Romaria do Bom Jesus da Lapa. Este estudo perpassa a partir dos seguintes aspectos: a identidade de gênero na sociedade patriarcal, contextualizando a Romaria do Bom Jesus da Lapa com a questão de gênero, o perfil das mulheres romeiras do Bom Jesus da Lapa e finalizamos pontuando a percepção das mudanças ocorridas nas relações de gênero.

A IDENTIDADE DE GÊNERO NA SOCIEDADE PATRIARCAL

A história da cultura ocidental está repleta de fatos ligados à desigualdade existente entre o homem e a mulher, sobretudo na Família. Porém, só recentemente passou-se a utilizar o termo ‘gênero’ para descrever e analisar as relações sociais tecidas entre o homem e a mulher, que definem a divisão de papéis, no âmbito familiar. Para efeitos desta investigação, entende-se gênero como um “conjunto de arranjos através dos quais uma sociedade transforma a sexualidade biológica em produtos da atividade humana” (RUBIN, 1993, p. 2, 23). Esta categoria já vem sendo discutida tanto nos movimentos de mulheres como nas universidades ou outros espaços de produção teórica desde algumas décadas atrás. A lógica dessa reflexão é a concepção de que “os sistemas de sexo/gênero não são emanções a-históricas da mente humana; elas são produtos da atividade humana histórica” (RUBIN, 1993, p. 2, 23), ou seja

a diferença entre os sexos é construída socialmente, o que quer dizer que nem a anatomia nem a natureza explicam o domínio das mulheres pelos homens, mas

que essa dominação social reinterpreta, utiliza, atribui um sentido à diferença biológica, e em particular, à maternidade e à paternidade (FERRAND, 1987, p. 61).

A partir dessa percepção, utilizar a categoria gênero em análises sociais significa rejeitar explicitamente as justificativas biológicas para as desigualdades nas relações sociais entre os sexos e colocar “a ênfase sobre todo um sistema de relações que pode incluir o sexo, mas que não é diretamente determinado pelo sexo nem determina diretamente a sexualidade” (SCOTT, 1991, p. 5, 14). Tendo por base esse pensamento de Scott, Lemos (2005) afirma que gênero é parte inerente das relações sociais, em que as diferenças entre os sexos são percebidas e estabelecidas, tendo as relações de poder como as primeiras formas de identificação.

O conceito de Gênero é importante para nossa análise, uma vez que contribui para a compreensão das relações entre o homem e a mulher, a partir dos comportamentos que estes emitem em contextos socioculturais específicos.

Nossa sociedade atual apresenta um contexto completamente diversificado, principalmente no que diz respeito às identidades de gênero, aqui entendida como a percepção que a pessoa tem de si mesma, o modo como “se sente masculina ou feminina, independentemente de seu sexo (biológico)” (MOURÃO *et al.*, 2000, p. 33). Trata-se da autoafirmação do indivíduo como homem ou como mulher. Assim como gênero é um construto sociocultural, também as identidades de gênero “são construídas pelas culturas” (SILVA, 2008, p. 25). O sentir-se mulher é algo que não nasce pronto, se constrói ao longo da vida e esse ‘sentir-se’ indica a tomada de consciência de si mesma, de sentir-se como gente, e não um objeto de manipulação por parte de outros.

Os estudos de gênero, muito têm contribuído para demonstrar as diferenças, assim como as hierarquias entre os sexos. No espaço da Romaria do Bom Jesus da Lapa, estas relações entre o homem e a mulher, estão imbricadas por aspectos da cultura patriarcal vigente, que passa por transformações importantes na era atual. A seguir, aprofundaremos nossa análise sobre esse aspecto, adentrando-nos à discussão sobre a questão de gênero na Romaria do Bom Jesus da Lapa.

CONTEXTUALIZANDO A ROMARIA DO BOM JESUS DA LAPA COM A QUESTÃO DE GÊNERO

No decorrer da história das religiões, as peregrinações a lugares santos constituem um campo de investimento masculino por excelência. Historicamente, são os homens que dominam a produção do que é ‘sagrado’ nas diversas sociedades, havendo uma ausência da participação das mulheres nesse aspecto. Segundo

Klinger (2010, p. 63), “o cristianismo em geral e os evangelhos em particular são patriarcais. Eles privilegiam os homens, menosprezam as mulheres e legitimam religiosamente o menosprezo”. Segundo Lemos (2012, p. 21),

a concepção do gênero feminino tal como temos hoje é fruto de um longo percurso de construção, no qual se fazem presentes muitos discursos e tradições de pensamento. Ente eles destacamos a tradição judaico-cristã, tal como construída no ocidente (LEMOS, 2012, p. 21).

No cristianismo, a carência da presença do feminino perante um Deus masculino só é compensada pela figura de Maria. Ainda assim, surge como um problema para a mulher, porque ao lado de Maria se contrapõe a figura de Eva, responsabilizada por todos os males no mundo. Dessa forma, a mulher cristã se vê entre as duas figuras: uma, Maria, foi divinizada. A outra, Eva, condenada pela entrada do pecado no mundo, sendo estigmatizada como símbolo de perdição para o homem, como causa de pecados da carne. Assim, tradicionalmente a religião contribuiu para a manutenção da dominação masculina sobre o gênero feminino. Por tradição, na religião cristã os papéis são assim distribuídos: aos homens cabe estruturar, normatizar, implantar os dogmas religiosos cabendo às mulheres a transmissão, permanência e manutenção de tais práticas religiosas. Como reflexo dessa concepção forjada pelo sistema patriarcal, espera-se da mulher que ela se dedique a uma espiritualidade (que geralmente implica em negação de si própria, de seu corpo), no papel de provedora espiritual. Assim, torna-se compreensível uma maciça presença das mulheres na Romaria do Bom Jesus da Lapa, bastante desproporcional à participação dos homens, que mesmo acompanhando suas esposas na romaria, não fazem dela uma prioridade em suas vidas. Na Romaria do Bom Jesus da Lapa, se verifica uma participação maciça das mulheres.

De acordo com Nunes (2005), há um “investimento da população feminina nas religiões [que se dá] [...] no campo da prática religiosa, nos rituais, na transmissão como guardiãs da memória do grupo religioso” (NUNES, 2005, p. 17), como acontece com as romeiras do Bom Jesus da Lapa. Antigamente, o espaço que a mulher ocupava era apenas o privado (a casa ou a igreja). Conforme diz Aguiar (2007, p. 85):

A esfera pública de uma forma geral foi identificada como o locus do indivíduo, onde este indivíduo na busca do bem comum contribui para o bem geral. Enquanto a esfera privada foi identificada como o espaço do amor e da afeição. De certa forma, a esfera pública é o espaço da razão enquanto a esfera privada é o espaço por excelência da família. Ou seja, cabe confinar a mulher no espa-

ção privado e é neste locus que se realizam a socialização dos filhos, atividade praticamente identificada ao papel da mulher. Nessa perspectiva, as mulheres passam a ser “naturalmente” confinadas à esfera de vida privada.

Essa questão se faz presente na Romaria do Bom Jesus da Lapa onde, embora haja uma visibilidade da mudança do papel da mulher, elas participam das atividades religiosas, mas além disso, cuidam dos afazeres domésticos e outros trabalham nesse período em que estão na Romaria.

O PERFIL DAS MULHERES ROMEIRAS DO BOM JESUS DA LAPA

De acordo com Kocik (2000), o perfil dos romeiros é muito evidenciado pela sua simplicidade. Eles peregrinam em busca do conforto da fé. No caso dos romeiros desta investigação, essa fé os impulsiona, a ponto de superarem qualquer dificuldade para chegar até ao Bom Jesus da Lapa. Geralmente viajam em grupos formados por pessoas conhecidas e se hospedam em ranchos improvisados, carrocerias de caminhão, abrigos de lonas, hotéis e pousadas.

Dados fornecidos pela Central de Atendimento aos Romeiros do Santuário de Bom Jesus da Lapa e confirmados, através da observação de campo, nos levam a afirmar que a grande maioria das pessoas que participam da Romaria do Bom Jesus da Lapa são mulheres e em grande parte, são idosas. Essas mulheres se enquadram aqui em duas categorias, que são a de coordenadoras de romaria e romeiras comuns. No que se refere ao perfil das mulheres coordenadoras de romarias, todas são casadas na Igreja Católica. Quanto ao nível de escolaridade, constatamos que todas têm o primeiro grau completo. Identificam-se como católicas fervorosas, exercem atividades religiosas na sua comunidade e algumas trabalham ou trabalharam fora do lar. Reiteramos que as coordenadoras que participaram da nossa pesquisa são aposentadas e apenas uma é comerciante.

O perfil¹ da mulher romeira varia conforme a região. Todas as entrevistadas se encontram na faixa etária entre 50 e 70 anos e têm o seguinte nível de escolaridade: três possuem o ensino fundamental, quatro o primeiro grau, uma o segundo grau (magistério), e apenas uma tem o curso superior. Uma é analfabeta. A maioria delas tem como profissão do lar, outras se enquadram como empregada doméstica, lavadeira, costureira, trabalhadora rural ou professora.

Uma Romeira do Estado de Minas Gerais, apesar de residir naquele estado, nasceu na Bahia e foi morar lá, com uma tia que tinha ficado viúva, para fazer-lhe companhia. Trabalhou fora, numa fábrica de tecido, como costureira, por muitos anos. Essa profissão, ela aprendeu da tia. Só saiu do trabalho porque a fábrica fechou. Depois que se casou com um rapaz também da Bahia, não trabalhou

mais fora. Foi cuidar da sua família. Enfatiza que seu esposo ainda é vivo e que os dois juntos gostam muito de viajar e principalmente de participar das Romarias, ou seja, das coisas ligadas à Igreja. Têm seis filhos, todos vivos, já criados e independentes, e netos e bisnetos. Tem o hábito de rezar o terço toda sexta-feira, na casa das pessoas, junto com um grupo de seis mulheres. Afirma que, sempre que assume um compromisso, procura cumprir. Já a Romeira da Bahia traz uma característica típica do sertão e da sociedade patriarcal, de sofrimento do trabalho rural, de muitos filhos e principalmente de, quando solteira, ter feito o que os pais mandavam e, depois de casada, ter cumprido as ordens do marido. Hoje, ela é viúva, frequenta a Igreja e o grupo de Idosos. Tanto o relato da romeira de Minas Gerais, como da Bahia, exemplifica a aproximação dos aspectos do patriarcalismo, no que concerne à submissão da mulher ao homem. Conforme Klinger (2010, p. 62),

As mulheres não são exemplares para o ser-pessoa nem para a humanidade do ser humano. São uma parte separada dele. Quem realiza o ser-homem torna-se pessoa. Quem realiza o ser-mulher não se torna mais pessoa, mas um outro homem. Ela é por si só um segundo e deficitário sexo (KLINGER, 2010, p. 62).

As coordenadoras de romaria entrevistadas falam sobre o perfil dos passageiros que conduzem, bastante parecido tanto na romaria de Minas Gerais, como na da Bahia, pois a maioria são mulheres idosas, algumas delas aposentadas, algumas famílias, poucos jovens e crianças. Sempre o mesmo grupo, o que varia são pessoas daquelas famílias.

Faz parte do perfil da mulher romeira, toda uma maneira de se comportar frente à sociedade, seguindo normas, dogmas e costumes do catolicismo, a que denominamos de *ethos* (GEERTZ, 2008, p.93) religioso. Por estar sustentado no catolicismo, esse *ethos* sofre influências também do sistema patriarcal, assim como diz Freire (2006, p. 34),

a formação patriarcal do Brasil explica-se tanto nas suas virtudes como nos seus defeitos, menos em termos de “raça” e de “religião” do que em termos econômicos, de experiência de cultura e de organização da família, que foi aqui a unidade colonizadora (FREIRE, 2006, p. 34).

Essa afirmação do autor coaduna-se com as observações realizadas durante a pesquisa de campo no espaço da romaria do Bom Jesus da lapa. O homem se ocupa mais do lazer do que da reza, participando com amigos de rodadas de bebidas nos bares, de pescaria e banhos no rio, não se colocando em dúvida que

visitem até mesmo os prostíbulos. O cotidiano da mulher romeira é bastante movimentado, elas realizam diversas atividades no período em que estão na cidade, sendo as principais delas: os trabalhos domésticos, o cuidado com a família (marido/ filhos), o pagamento das promessas e participação nas atividades litúrgicas do santuário. A Coordenadora de Romaria de Minas Gerais nos diz: “ É muito difícil, é bem puxado. A gente pôr cada qual em um lugar, ou eu faço isso aqui e outra coisa aqui e eu vou dividindo. Eu cuido da responsabilidade de casa, dos filhos, a responsabilidade da viagem e dos romeiros” (CRMG1). Com efeito, as mulheres romeiras ocupam diferentes papéis, como: mães, esposas, donas de casa, vendedoras, chefes de romarias, missionárias, ministras de eucaristia, dentre outros, ocupando os mais diversos espaços, tais como: o da casa e o do santuário. A identidade gênero da Romeira do Espírito Santo, aproxima da concepção patriarcal, no tocante ao resumo que faz do seu cotidiano na Romaria:

Vou às missas, vou à gruta, ajudo a cuidar aqui da casa, são muitas coisas que faço. Ah!, eu chegando, primeira coisa eu faço é ir lá na igreja, na gruta, vou lá, assisto à missa, volto, tomo banho, mudo roupa, aí vou lá na rua com meu marido, dou umas voltas lá, depois mais tarde nós vai, agora mermo nós já vai pra lá outra veis, não acho nada difícil, não, acho é bom, é eu gosto (RES1).

Todas as mulheres entrevistadas relatam o seu cotidiano, na romaria² do Bom Jesus da Lapa, que envolve os afazeres domésticos, a fé e a devoção. Participam de todas as atividades religiosas (missas, novenas, bênçãos, dentre outras), passam a maior parte do seu tempo na Gruta, vão ao cruzeiro, depois fazem umas compras, levam umas lembrancinhas para os familiares, lembrancinhas essas ligadas à devoção, que são terços, fitinhas, chapéus, santos, medalhinhas e tantas outras coisas. A Romeira da Bahia nos diz:

Algumas coisas que faço em casa eu faço aqui na romaria, outras não, aqui eu só faço trazer as coisas e ajudar a limpar a casa. Eu não faço comida, só faço tomar um banho de manhã, tomar um cafezinho, à tarde também, faço umas comprinhas e, quando volto, lavo umas coisinhas (RB1).

Muitas mulheres se ocupam, além das visitas no templo, das práticas rituais que envolvem o pagamento de promessas e ainda com os afazeres domésticos.

Todas as entrevistadas confirmaram isso, ao afirmar que cuidam da casa e fazem a comida, com muito prazer e muita alegria, pois todo o trabalho é dividido entre si. Cada uma faz uma coisa, e ressalta ser uma grande família, tudo num clima de muita união. Na sociedade patriarcal, conforme pontuado acima, “a casa é,

ainda, um espaço de liberdade, no sentido de que nela, em contraposição ao mundo da rua, são donos de si: aqui eu mando” (SARTI, 2011, p.63). Quanto às mulheres que se hospedam em hotéis, essas têm um cotidiano na Lapa bem diferente do mencionado acima, pois elas cuidam da família, de maneira a supervisionar o que o marido ou filhos estão fazendo e dizem que nesse período que passam na Romaria, elas descansam das atividades domésticas, estes aspectos se distanciam do patriarcalismo, sendo oriundos da sociedade contemporânea. Na concepção de Giddens (2010, p. 63),

[...] essas alterações exigiram importantes ajustes no seio das famílias, na natureza da divisão do trabalho doméstico, no papel dos homens perante a educação das crianças, levando igualmente à emergência de políticas laborais mais familiares, de modo a responder às necessidades dos casais de duplo assalariamento (GIDDENS, 2010, p. 63).

Portanto, dedicam-se apenas ao Bom Jesus, em se purificar e buscar força e proteção para sua família. Vejamos o caso da Romeira de Goiás: “Eu fico no hotel, vou à Gruta, dou passeio aí pelas feiras. Ah! isso aí, eu rezo, pra agradecer a Deus por minha família e entrego eles ao Bom Jesus” (RMGO). Já o cotidiano das mulheres coordenadoras de Romaria é bem específico. Assim como diz a coordenadora de Romaria da Bahia:

Eu faço um bocado de coisa, a responsabilidade é muito grande e aí eu tenho que correr atrás dos romeiros, batalhar com eles, levar para Gruta, passo horas de dormir, hora de me alimentar pra sair tudo direitinho, tudo em dia. E muito embora eu tenha já uma romaria já de muitos anos, desde o tempo de caminhão, mas mesmo assim ainda tenho que correr atrás porque para acertar dia de pagamento e que tudo sou eu só fechar ônibus, de participar de reunião na empresa, então eu corro muito, viu? batalho (CRB3).

O relato da coordenadora de Romaria, demonstra o papel da mulher na sociedade contemporânea, que se distancia daquele próprio ao sistema patriarcal. Pois além de desenvolver as atividades específicas atribuídas à mulher, ainda exerce naquele espaço, uma infinidade de coisas, como ela diz, referente à função que ela ocupa de coordenar à romaria.

Segundo Steil e Herrera (2010), os estudos sobre o lugar que a mulher ocupa em diferentes contextos religiosos apontam para a superação do próprio machismo, sendo a religião uma forma de superação dessa questão. Esses autores afirmam que “ao focar a posição das mulheres na estrutura institucional das igrejas e grupos religiosos, [esses estudos] terminam por mostrar que o exercício da de-

mocracia e as relações de igualdade entre os sexos nem sempre acompanham as ideologias e os valores agregados” (STEIL; HERRERA, 2010, p. 385).

Os traços típicos do sistema patriarcal marcam a concepção da família nuclear (conjugal moderna), com sua divisão de papéis conforme o gênero. Tais características não são diferentes no espaço da romaria. Como veremos a seguir, percebe-se visivelmente que as mulheres romeiras fazem uma transferência do espaço do lar para a Romaria, onde realizam primeiro todas as atividades domésticas, como o ato de cuidar do marido e filhos, o preparo dos alimentos e a arrumação dos alojamentos, para depois participarem das atividades religiosas. Por outro lado, no que se refere aos papéis desempenhados pelas Coordenadoras de Romaria, observa-se um empoderamento que lhes confere uma identidade feminina diferenciada, um novo status. Esta proposição sinaliza para pequenas mudanças nas relações de gênero, com declínio das características patriarcais. No cotidiano da romaria, as mulheres procuram manter contato com os agentes religiosos responsáveis pela romaria, seja em busca de orientação e aprendizado, seja para a confissão. As Coordenadoras de Romaria, no espaço da Romaria do Bom Jesus da Lapa, incluem na sua programação, diariamente, reuniões entre si. Essas reuniões acontecem sob a liderança das Irmãs (freiras), que têm como objetivo orientá-las nas suas atividades, buscando dar melhores condições para seus romeiros, no período em que estão na romaria, ouvindo-as e auxiliando-as nas suas dificuldades. De acordo com Steil (1996), desde algum tempo, os dirigentes do Santuário vêm buscando manter uma relação com as Coordenadoras de Romaria, através dos registros de suas romarias, na central de atendimento aos Romeiros. Eles vêm buscando manter um controle sobre essas mulheres. “Todos os anos, enviam-lhes cartas com os programas da festa e orientações de ordem prática e espiritual” (STEIL, 1996, p. 67).

A PERCEPÇÃO DAS MUDANÇAS OCORRIDAS NAS RELAÇÕES DE GÊNERO

Para as mulheres que são coordenadoras de romaria, as relações de gênero estão mudando.

Mudou, eu acho que mudou muito, mudou porque a mulher hoje tem mais liberdade, a mulher hoje é mais livre, tem suas atividades, né? Então todo mundo hoje quer trabalhar, então eu acho uma coisa muito boa, a mulher se dispor a trabalhar ajudar o marido, os dois trabalhando junto, o progresso é melhor. A mulher na atualidade, hoje, tem um pensamento diferente da minha vida, que eu viver até aqui, acho muito diferente. A mulher hoje é mais livre, é mais pra frente, tem mais liberdade, eu nunca fui uma pessoa liberta (CRMG1).

No que se observa na fala da coordenadora de Romaria é que hoje elas percebem as mudanças de seu papel na sociedade, principalmente no que concerne à liberdade e ao trabalho, e naquele espaço realmente pode-se perceber que há uma alteração no papel das mulheres, em relação aos homens, havendo um distanciamento da sociedade patriarcal. Conforme Simone Beauvoir (2009, p. 354), “as mulheres de hoje estão destronando o mito da feminilidade, começam a afirmar concretamente sua independência; mas não é sem dificuldade que conseguem viver integralmente sua condição de ser humano” .

Como de fato acontece nos dias de hoje, motivado principalmente pelo movimento de emancipação feminina, a mulher saiu do espaço privado do lar, passando a atuar no espaço público do mundo do trabalho. Segundo Giddens (2010, p.392),

[...] até recentemente, nos países ocidentais o trabalho remunerado era uma característica predominantemente dos homens. Nas últimas décadas esta situação mudou radicalmente: há cada vez mais mulheres a entrar no mercado de trabalho (GIDDENS, 2010, p. 392).

Conforme já mencionado, no espaço da Romaria do Bom Jesus da Lapa, há uma grande presença de mulheres. Desde quando começou a participar naquela Romaria, muita coisa mudou na vida da mulher romeira. Percebe-se que essas mudanças foram positivas e trouxeram alguns benefícios. Como diríamos uma manutenção/alteração no seu comportamento, em alguns aspectos, não chegando a uma emancipação.

Em nossa pesquisa de campo, todas as mulheres entrevistadas foram unânimes em dizer que a mulher sofreu mudanças na atualidade e que elas têm mais liberdade, podendo trabalhar fora de casa, ganhar seu próprio dinheiro, ou seja, estão mais independentes, traços esses que demonstram um distanciamento da sociedade patriarcal. O que mais nos chamou a atenção foi a maneira com que elas se posicionaram em relação às mulheres, usando essas considerações: “a mulher está mais ativa”, “mais viva”, “mais atualizada”, “mais moderna”, “está pra frente”, “tem mais direitos”, “tem mais valor”, “mais liberal”, “uma guerreira”. Conforme diz a Coordenadora de Romaria de Minas Gerais,

Da minha geração até agora mudou muito. Muita coisa mudou pra melhor, [...] Eu acho que foi pra melhor porque a mulher adquiriu coisas que no meu tempo não adquiria. A mulher, hoje, ela está mais respeitada, ela está mais entrosada. Porque antigamente mulher não podia trabalhar, não podia ir para um escritório, mulher não podia fazer essas coisas que faz hoje. Então hoje nós vemos a mulher na sociedade, fazendo tudo que o homem faz, está aí, a nossa presidente é uma mulher. Então essa facilidade, ajudou muito. As que correm atrás, as que

buscam, estão buscando, e estão se encontrando. Agora tem aquelas também que não buscam, infelizmente. Mas as que estão buscando estão se realizando, e isso é uma coisa boa, a pessoa entrosar, a pessoa estudar, a pessoa ser alguém, a pessoa se entender, a pessoa conhecer as coisas, saber em que terreno ela está pisando, se está pisando em um terreno derrapante, então a mulher está com mais segurança do que o que a gente tinha antigamente. Antigamente era só lavar, cozinhar, passar, tomar conta de marido, de filho e de casa. Agora mudou. A mulher emancipou (CRMG).

A coordenadora de romaria de Minas Gerais, nos relata as mudanças ocorridas no papel da mulher na atualidade, fazendo uma comparação com o seu tempo, no que diz respeito ao trabalho fora do lar e aos estudos. Percebe-se nesse relato que há um distanciamento da mulher em relação ao patriarcalismo. Sua fala mostra um despertar, uma conscientização de sua condição de subordinada, bem como a necessidade de se afirmar como uma mulher livre, crítica e consciente da importância de seu papel na sociedade, não estando condicionada a viver o resto da vida como dona de casa em tempo integral. A fala dessa romeira mostra uma dinamicidade da mulher na atualidade, incomparável àquela mulher antiga, passiva, subordinada ao marido. Agora não, a mulher reconhece seu poder no sentido de uma maior participação na vida social, e luta para isso, fazendo sua própria história, alçando voos e alcançando espaços que antes eram destinados somente aos homens, como é o cargo de Presidente da República. Mesmo que a mulher romeira não seja essa mulher emancipada, ela está consciente de que esse é o caminho certo a ser tomado para a total recuperação de sua dignidade e tal consciência mostra um distanciamento do sistema patriarcal.

É interessante percebermos que a maioria das romeiras entrevistadas visualizam e entendem, a seu modo, a mudança do papel da mulher, na atualidade, inclusive sugerindo certo domínio sobre o homem, como afirmam as Romeiras da Bahia e de Minas Gerais,

acho que a mulher tá tendo liberdade, né, mais liberdade igual os homens, tá tendo né, elas tá tendo oportunidade de ser alguma coisa, né elas tá tendo oportunidade que antigamente era só os homem que toma frente de tudo, né, hoje, hoje a mulher tá substituindo o homem, às vezes tá virando capacho, que hoje a mulher, ela faz, tudo que os homens faz, a mulher; e hoje elas fazem a mulher pode, né (risos), tá na frente dos homens também (RB1).

Eu acho a mulher hoje muito assim, muito viva, né, mais liberal. Porque as mulheres de antigamente era mais cativa, era mais sujeita ao marido do que a liberdade

que ela deveria ter. Hoje não, elas são mais livres para fazer as coisas e mais assim, são inteligentes, sabe, para liderar as coisas (RMG3).

Essas romeiras afirmam que as mulheres alcançaram os mesmos direitos dos homens, esse aspecto caracteriza um distanciamento do patriarcalismo. Uma das entrevistadas chama a mulher de guerreira, pelo fato de dar conta do trabalho dentro de casa e, na maioria das vezes, criam as filhas sozinhas. São mães e pais ao mesmo tempo e ainda trabalham para manter o lar:

A mulher hoje ela tem sido assim uma guerreira, ela se emancipou, porque ela tem exercido a função de mãe, de pai, ela tem sido assim cabeça na família. Trabalha fora, cuida das obrigações em casa, cuida de marido, filhos e então parece que a mulher tá assumindo assim a liderança da família (RMG4).

A romeira de Minas Gerais enfatiza que a emancipação da mulher fez com que ela assumisse a liderança da família. Entendemos que as mudanças que estão ocorrendo nas relações de gênero, conforme destacadas pelas mulheres romeiras, se inserem em um contexto maior de mudanças. De fato, conforme dados do IBGE, com base na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios – PNAD 2012, o percentual de mulheres com filhos que se tornam chefes de família, sendo seu principal referencial, no lugar do homem, quadruplicou nos últimos dez anos, passando de 4,6% em 2002, para 19,4% em 2012. A se considerar todas as famílias juntas, com ou sem filhos, a participação das mulheres passou de 28% em 2002, para 38%, em 2012. A explicação para esse fenômeno, conforme o IBGE, se deve a uma maior presença das mulheres no mercado de trabalho, bem como os níveis de escolaridade maiores que os dos homens.

Assim como a maioria das mulheres romeiras pontuaram a emancipação da mulher como uma coisa boa, algumas entrevistadas mencionaram alguns aspectos negativos que essas mudanças trouxeram para as mulheres, evidenciando uma aproximação ao patriarcalismo. De acordo com Ribeiro (2014), o patriarcalismo é um sistema de discriminação institucionalizada que se reflete em todos os aspectos sociais, indo além do espaço doméstico, tendo na submissão da mulher ao homem uma das suas principais características.

A Romeira de Minas Gerais, pela sua forma de interpretar as mudanças que vem ocorrendo na atualidade, com relação à emancipação das mulheres, destaca alguns aspectos ruins, que ela julga de acordo com o contexto social que ela vive, que retrata a cultura patriarcal³, mas não deixa de mencionar as coisas boas:

Muitas coisas ruins na mudança da mulher. Olha, para começar, para ser franca, essa coisa de porta de bar, o cigarro, a bebida, o modo de se vestir, porque, infelizmente, eu acho que, para uma pessoa ser elegante, ela não

precisa andar nua. Então eu acho que isso aí mudou muito, porque tem tanta coisa boa, tanta coisa boa que você pode fazer, e essa coisa de porta de bar, eu acho que isso aí, até hoje eu não me acostumei, e eu acho que não vou acostumar (RMG1).

Igual posição tem a romeira de São Paulo, que assumindo uma linha conservadora que remete à ideologia patriarcalista, vê de forma negativa a emancipação da mulher, julgando que o comportamento libertino da bisneta se deve às mudanças relativas à mulher, na contemporaneidade: “Hoje nós estamos no século XXI, eu já tenho bisneta e tem hora que aí meu filho fala que não pode reclamar ninguém mais não, aí eu digo vou ter que falar, pois ela não obedece ninguém, faz o que quer” (RSP). Essa romeira reconhece que “a mulher mudou em tudo, umas coisas boas e outras também que não agrada” (RSP). Conforme a romeira de Minas Gerais,

mudou sim, porque você começou a conviver com pessoas que você ainda não convivia. Às vezes pessoas que eu não conhecia, eu só passava: ‘bom dia’, boa tarde. Então, com esse agrupamento da romaria, a gente vai se filiando mais uns aos outros. Então isso trouxe pra mim mais satisfação pra minha vida, mais satisfação pro meu viver, mais satisfação pra mim andar junto com eles, e pra alegria pra eu andar junto com eles (RMG).

Já a romeira da Bahia diz que “mudou muito, porque tinha muita coisa que eu não sabia, aí eu aprendi como se segue a Deus, como se faz pra viver e, se a gente tem Deus, tudo resolve, sem Deus não somos nada” (RB).

As mulheres coordenadoras de romaria, de Minas Gerais e da Bahia, afirmaram que seu papel na família mudou ao assumir a coordenação da romaria. No caso da CRMG, outras pessoas da família assumiram as funções por ela exercidas na casa, inclusive o cuidado com o marido, para que ela participasse da romaria:

O meu papel na família mudou, porque eu faço isso né. Elas acha que eu me sinto bem, né, e faço isso porque me apoia e fala: ó, mãe, tá bom, a senhora vai, pode deixar que a gente toma conta da casa. Mais são duas filhas. Foi uma minha e a dele também, tudo me ajudando na viagem. Agora sempre os outros anos quem ia era minha nora, mais não deu mais certo. Aí eu fui com o rapaz para ele me ajudar no meu vizinho. Aí depois ficou indo a filha dele comigo e uma filha minha, que agora trabalha não pode ir mais. A outra filha dele que foi para Lapa, porque a que foi para lá faleceu. Aí o meu marido, deixei com a sogra do neto dele, cuida muito, muito caprichosa, deixei ela tomando conta, cuidou direitinho dele (CRMG).

Conforme menciona a coordenadora de romaria da Bahia, sobre essas mudanças, ela se sobressaiu bem como mulher nessa atividade, mostrando certo empoderamento, uma mudança de *status*, em que passa a ser reconhecida pelas pessoas de outra maneira, como alguém que tem certo conhecimento e com quem pode tirar dúvidas, trocar ideias, uma espécie de mestre:

Eu acho que mudou minha vida muito, sou mais procurada, mais querida, mais amada, a mulher hoje é melhor do que antes, porque hoje as coisas estão mais desenvolvidas e a mulher tem um papel muito importante de trabalho procurando mais coisas pra fazer. Eu percebo que a gente anda e vê diferente. Era unido todo mundo, mais hoje eu acho mais porque todo mundo acompanha. Sinto mais respeitada, determinada, resolvo tudo, sou o homem e a mulher da casa, isso dentro e fora da família. É tudo bem também, as pessoas me respeitam muito, todo lugar que eu chego, aqui parece que estou em casa, é a dona do hotel vai na minha casa, eu me sinto muito bem. Sim, as pessoas sabem que eu sou comerciante e organizo romaria, sempre me procuram para resolver alguma coisa, pra conversar, para fazer alguma campanha (CRBI).

Por tudo o que vimos aqui, pode-se constatar pelas falas das romeiras, que sua forma de pensar o papel da mulher na atualidade, às vezes se distancia e às vezes se aproxima da ideologia patriarcal, sobretudo no que se refere às desigualdades de gênero, que ainda persistem em nossa sociedade atual.

CONCLUSÃO

A análise aqui apresentada nos permitiu perceber que são as mulheres, na sua grande maioria, as participantes da romaria do Bom Jesus da Lapa, o que mostra uma afinidade muito grande com a religião, não como um dado natural, mas como um constructo sociocultural. Nesse sentido, podemos afirmar que a cultura patriarcal referenda a religião como um atributo da mulher. No entanto, como os significados construídos na e pela religião não são unívocos, a romaria apresenta-se às mulheres também como um espaço em que as relações de gênero podem ser ressignificadas.

Todas as mulheres entrevistadas afirmaram que sua participação na Romaria do Bom Jesus da Lapa mudou sua vida. Muitas delas afirmam terem presenciado momentos de conversão dos fiéis. Através dos seus relatos sobre as graças alcançadas, pudemos perceber o quanto isso está presente naquele espaço.

Vê-se que essas mudanças transformaram as vidas das mulheres romeiras, na medida em que passaram a perceber a importância da mulher na sociedade, bem como na sua forma de agir e de se comportar diante do ambiente familiar. Tanto

as mulheres romeiras, como as coordenadoras de romarias, foram unânimes em dizer que a sua participação na romaria mudou sua vida, como, mulher, principalmente no que diz respeito à sua independência e liberdade, pois elas adquiriram mais respeito e tratamento iguais aos dos homens. Nesse aspecto aqui mencionado houve um distanciamento do patriarcalismo.

O que foi possível observar, tanto no campo, como nas entrevistas, é que essas transformações na vida das mulheres que participam da romaria, na condição de romeiras ou de coordenadora de romaria, ocorreram com cada uma delas, de maneira semelhante, pois todas trazem os mesmos traços culturais da sociedade patriarcal que as caracterizam, ou seja, uma religiosidade popular que as levam a abraçar fervorosamente aquilo que fazem, motivadas pela fé, pela esperança, pelas graças alcançadas junto ao Bom Jesus, com destaque para a atividade de coordenadora de Romaria que é um dos fatores de transformação ou até mesmo de emancipação da mulher naquele contexto.

Portanto, a partir das falas das romeiras entrevistadas e dos aportes teóricos utilizados, concluímos que a Romaria do Bom Jesus da Lapa é um espaço de reprodução social da família e da identidade de gênero feminina, observando-se um processo de ressignificação do papel e do perfil da mulher romeira do Bom Jesus da Lapa, alternando entre a permanência e a transformação da identidade de gênero, oriunda do patriarcalismo.

RELIGION AND GENDER: WOMEN'S SELF-PERCEPTION ON PILGRIMAGE OF BOM JESUS DA LAPA

Abstract: it presents an analysis of perception of women in pilgrimage of Bom Jesus da Lapa, which is held there are 323 years, emphasizing a gender perspective. The subjects of the research are pilgrims women situated in the age group between 50 and 70 years old and who have been participating for more than five consecutive years of pilgrimage, from five Brazilian States (Bahia, Minas Gerais, São Paulo, Espírito Santo and Goiás) which report a higher rate of participation in this religious event. We use as a methodology to participant observation and semi-structured interview. It is understood that the pilgrimage presents itself as a space of alternation between permanence and transformation of gender identity from patriarchy.

Keywords: *Pilgrimage. Gender. Patriarchy.*

Notas

- 1 Segundo Frozoni (2012, p. 55), o canto, assim como o chapéu, fazem parte do perfil do romeiro, pois na concepção das mulheres romeiras, ele é um elemento de enaltecimento

ao Bom Jesus, componente primordial da romaria. Muitos benditos são feitos retratando o cotidiano do romeiro, por exemplo: “pra visitar o Bom Jesus, eu já forrei o meu chapéu, eu sou cantor e sou romeiro e viva Jesus Cristo, lá no céu”.

- 2 Steil (1996, p.97), nos diz que: “a decisão de fazer a romaria é sempre pessoal. Havia um caráter voluntário na decisão daqueles que se colocavam a caminho para a Lapa do Bom Jesus. A romaria surgia como algo opcional que quebrava a sua rotina quotidiana e os colocava como peregrinos no caminho da Via-Crucis, permitindo representar simbólica e sacramentalmente o sacrifício do Bom Jesus”.
- 3 Na concepção de Lemos (2012, p. 26), “O homem já se sente responsável pelo simples fato de nascer homem. Por analogia pode-se deduzir que a mulher pelo fato de nascer mulher não tem as mesmas incumbências. Ou seja, o homem produz a coesão social pelo poder e permite a identificação da parte como o todo e estabelece a diferença. Tal forma de conceber o masculino e feminino é típica das culturas patriarcais”].

Referências

- AGUIAR, Márcio Mucedula. *A construção das hierarquias sociais: classe, raça, gênero e etnicidade*. *Cadernos de Pesquisa do CDHIS*, ano 20, n. 36/37, p. 83-88, 2007.
- BEAUVOIR, Simone de. *O Segundo Sexo*. Tradução de Sérgio Milliet. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- FERRAND, Michèle. *Relações sociais de sexo, maternidade e paternidade*. Trad. Soraya Tahrán, 1987, mimeografado.
- FREIRE, Gilberto. 1900-19807. *Casa Grande & Senzala*. Formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. Apresentação de Fernando Henrique Cardoso. 51ª. Ed.rev. São Paulo: Global, 2006.
- FROZONI, Giuliana. “Vamos todos para Lapa, visitar o Bom Jesus”. O itinerário da romaria a partir dos benditos cantados pelos romeiros do Bom Jesus da Lapa – Ba, 2012. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo - SP.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 2008.
- GIDDENS, Anthony. *Mundo em descontrole o que a globalização está fazendo em nós*. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. 7ed. Rio de Janeiro: Record, 2010.
- IBGE. Censo Demográfico 2010. *Família e Domicílio*. Rio de Janeiro, p. 1-203m 2010. Disponível em: ftp://ftp.ibge.gov.br/Censos/Censo_Demografico_2010/Familias_e_Domicilios/censo_fam_dom.pdf. Acesso em: 10.07.2013.
- KLINGER, Elmar. *Jesus e o diálogo das religiões: o projeto do pluralismo*. Tradução Edgar Orth. Aparecida, SP: Editora Santuário, 2010.
- KOČIK, Lucas. *Santuário do Bom Jesus da Lapa*. 7 ed: Bom Jesus da Lapa: Gráfica Bom Jesus, 2000.
- LEMONS, Carolina Teles. *Religião, gênero e sexualidade: o lugar da mulher na família camponesa*. Goiânia: Ed. da UCG, 2005.

_____. Religião e gênero: a intimidade entre o peso da tradição e a autonomia do indivíduo. In: _____. *Religião e (re)significação da Intimidade*. Goiânia: Ed. da PUC Goiás, 2012.

MOURÃO, Maria Silva; et al. *Gênero, Identidade e Vida Religiosa*. São Paulo: Loyola, 2000.

NUNES, Maria José Rosado. Gênero e religião. *Revista Estudos Feministas*, maio-agosto, ano/vol.13, número 002. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. 2005.

RIBEIRO, Antônio Lopes. A Manutenção do ideário de família no cenáculo de Nossa Senhora. Tese (Doutorado em Ciências da Religião). Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC / GO), 2014.

RUBIN, Gayle. *O tráfico de mulheres*: notas sobre a “economia política” do sexo. Trad. Christine R. Dabat e outras. Recife, Ed. S.O.S. Corpo, 1993.

SARTI, Cynthia. *A família como espelho*: um estudo sobre a moral dos pobres. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.); HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. *Identidade e diferença*: A perspectiva dos estudos culturais. 8. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

SCOTT, Joan. *Gênero*: uma categoria útil para a análise histórica. Recife: SOS Corpo, 1992.

STEIL, Carlos Alberto. *O sertão das romarias*: um estudo antropológico sobre o santuário de Bom Jesus da Lapa - Bahia. Petrópolis: Vozes, 1996.

STEIL, Carlos Alberto; e HERRERA, Sônia Reyes. Catolicismo e Ciências Sociais no Brasil: Mudança de foco e perspectiva num objeto de estudo. *Interfaces/Sociologias*, Porto Alegre, ano 10, n°23, jan/abr.2010, p.354-393.